



IMIGRANTES BRASILEIROS E PARAGUAIOS – IDENTIDADES SOCIAIS

BRAZILIAN AND PARAGUAYAN IMMIGRANTS – SOCIAL IDENTITIES

Rejane Hauch Pinto Tristoni¹

RESUMO

Este artigo é parte de uma pesquisa em desenvolvimento que tem como objetivo averiguar como são construídas e/ou negociadas, nas práticas discursivas, as identidades dos participantes da pesquisa, bem como entender quais representações são construídas sobre a diversidade linguística no contexto de uma *Cidade Paraguaia*. Para este artigo, diante do objetivo proposto, respondo a seguinte pergunta de pesquisa: Como paraguaios e imigrantes brasileiros negociam suas identidades? Trata-se de um estudo etnográfico qualitativo/interpretativista que se insere na área da Linguística Aplicada. Para mostrar essa negociação, faço uma reflexão sobre cultura e o entrelaçamento de culturas e início mostrando como o grupo se reconhece, identifica-se, diferencia-se e, ao mesmo tempo, negocia suas identidades. Na sequência, comento os três traços característicos das identidades sociais: fragmentação, contradição e processo, problematizando o que, de fato, determina a escolha das múltiplas identidades sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Identidades. Diferenças. Pluralidade.

ABSTRACT

This article is part of a research in development that has as objective to investigate how the identities of the participants of the research are constructed and / or negotiated in the discursive practices, as well as to understand which representations are constructed on the linguistic diversity in the context of a Paraguayan city. For this article, in view of the proposed objective, I answer the following research question: How do Paraguayans and Brazilian immigrants negotiate their identities? It is a qualitative / interpretative ethnographic study that is inserted in the area of Applied Linguistics. In order to show this negotiation, I reflect on culture and the intertwining of cultures and start by showing how the group recognizes itself, identifies itself, differentiates itself and at the same time negotiates its identities. In the sequence, I comment on the three characteristic features of social identities: fragmentation, contradiction and process, problematizing what, in fact, determines the choice of multiple social identities.

KEYWORDS: Identities. Differences. Plurality.

¹ Docente do Colegiado em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campos Cascavel/PR. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. E-mail: rejanetristoni@hotmail.com

Submetido em: 08/06/2016 - **Aceito em:** 25/03/2017

© Revista Saberes Universitários	Campinas, SP	v.3	n.1	p.2-20	mar. 2017	ISSN 2447-9411
----------------------------------	--------------	-----	-----	--------	-----------	----------------

O CONTEXTO E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Este artigo faz parte de uma pesquisa etnográfica qualitativa/interpretativista em andamento e se afilia à área da Linguística Aplicada, a qual propõe que o pesquisador estude os problemas sociais em que a linguagem ocupa um lugar central, estabelecendo diálogo com as diferentes disciplinas que atravessam o campo das ciências sociais e das humanidades.

O cenário dessa pesquisa é uma *Cidade Paraguaia*, localizada a 70 km da fronteira brasileira paranaense e a 340 km de Assunção – capital paraguaia. Fundada em 1973 e colonizada por imigrantes brasileiros oriundos do Sul do Brasil, sua população é de aproximadamente 36 mil habitantes e cerca de 80% são de brasileiros.

A geração de registros foi realizada de 02 de maio de 2014 a 25 de maio de 2015. Serão usados sempre nomes fictícios para evitar a identificação, tanto dos sujeitos como dos locais da pesquisa, tais como participantes, escolas, estabelecimentos e cidade que aparecem nessa investigação, numa tentativa de garantir que não sejam identificados.

Foram entrevistados um total de 18 participantes, sendo sete imigrantes adultos, quatro estudantes – filhos de imigrantes, seis paraguaios adultos e um estudante paraguaio. Além disso, foram tiradas fotos de anúncios comerciais, de cartão de aniversário e de atividades realizadas pelos sujeitos da pesquisa. Também foram registradas e documentadas em meu diário de campo observações de campo e dos participantes.

Num primeiro momento, visitei duas escolas: uma no perímetro urbano que doravante será protegida pelo nome fictício de *EscuelaPrimera* e outra, no perímetro rural, que será protegida pela denominação *Escuela Segunda*. Durante este período em que estive na escola, objetivando conseguir novos participantes para a pesquisa, consegui a indicação de pessoas da comunidade, o que propiciou a ampliação e extensão do meu campo de pesquisa para a comunidade da *Cidade Paraguaia*.

As entrevistas realizadas com os participantes paraguaios foram feitas apenas em espanhol, uma de suas línguas, por não saber o guarani. As traduções foram dispostas em nota de rodapé e, posteriormente, foram transcritas *ipsis litteris*.

LINGUAGENS – PRÁTICAS SOCIAIS

Pessoas aprendem a ser quem são ao agir no mundo com os outros, de acordo com o contexto histórico e social de cada sujeito, por meio da linguagem que atravessa as relações sociais. Em outras palavras, a linguagem é entendida aqui como uma forma de prática social, constituída no discurso, um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros (MOITA LOPES, 2002, p. 14).

A respeito da importância da linguagem para a cultura, Cuche (2002), ao retomar os estudos de Lévi-Strauss (1950), explica que toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos, sendo que a linguagem é um dos elementos desse conjunto. Também Moita Lopes (1998, 2002) assevera que não há como dissociar linguagem de práticas sociais, pois uma está relacionada à outra.

As identidades sociais emergem da interação entre os sujeitos, isto é, da vivência de suas práticas sociais discursivas. E, neste processo interacionista, não há como determinar o início e o fim, onde começa e onde termina uma cultura. A cultura é aqui compreendida a partir de um conjunto dinâmico, mais ou menos homogêneo, sendo que os elementos que compõem uma cultura não são jamais integrados uns aos outros pois provêm de fontes diversas no espaço e no tempo (CUCHE, 2002, p. 140).

Diante disso adoto, para esta pesquisa, a ideia de que toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução (CUCHE, 2002, p. 137) e, assim como a identidade, a cultura não está acabada, finalizada e está sempre em desenvolvimento, transformando e evoluindo, ela não é inata, não é herdada biologicamente, ela é adquirida e produzida em seu contexto histórico e mais precisamente na história das relações dos grupos sociais entre si, pois seria como num jogo, num “sistema extremamente complexo. Este jogo está no interstício no qual a liberdade dos indivíduos e dos grupos se instala para ‘manipular’ a cultura” (CUCHE, 2002, p. 140). Tudo isso ocorre nas interações individuais, por meio da socialização, que é entendida como um “processo de integração de um indivíduo a uma dada sociedade ou a um grupo particular pela interiorização dos modos de pensar, de sentir e agir” (CUCHE, 2002, p. 102).

Desse modo, é importante, para este trabalho, compreender que os indivíduos são seres culturais, independentemente de seus níveis de escolarização e de seus saberes. Tais indivíduos moldam, em suas práticas sociais, a cultura, pois a cultura existe por meio das práticas sociais dos indivíduos. Diante disso, Cuche (2002) argumenta, desenvolvendo as ideias de Sapir (1949), que o verdadeiro lugar da cultura são as interações individuais. Para ele, uma cultura é “um conjunto de significações que são comunicadas pelos indivíduos de um dado grupo através destas interações” (CUCHE, 2002, p. 105).

Além disso, o contexto também desempenha uma tarefa importante para esta investigação, uma vez que as interações ocorrem dentro de um contexto e, por conseguinte, as práticas sociais, uma vez que cada contexto impõe suas regras e suas convenções, as quais resultam em expectativas particulares entre os indivíduos e, desse modo, o caráter plural e instável de cada contexto e, conseqüentemente, de cada cultura, o que explica a pluralidade de culturas coexistindo naturalmente num mesmo contexto (CUCHE, 2002, p. 106-107). Além disso, vale ressaltar que é a partir da interação que ocorre a necessidade da criação de regras, normas, costumes, de sistemas de valores, de representações e de comportamentos que permitem a cada grupo identificar-se, localizar-se em seu contexto social. A respeito da

criação de normas e regras, Lévi-Strauss explica que, de acordo com Cuche (2002, p. 95) e Laraia (2005, p. 54), a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma.

Logo, a interação social, na qual os participantes moldam a cultura, evidencia tanto o entrelaçamento dessas práticas sociais como o movimento e fluxo de conexões entre culturas. Mostra, também, que este entrelaçamento cultural não é homogêneo, não é fixo, mas sim uma incompletude que permite ora estar aqui, ora estar lá, ora estar no entremeio (GORETE, 2009) ou, ainda, nenhuma cultura existe em estado puro, sem ter jamais sofrido uma mínima influência externa (CUCHE, 2002, p. 136-137). Em outras palavras, não há cultura acabada, nem pura, ela está sempre sendo ressignificada. As culturas são mistas e dinâmicas, pois todas as culturas, devido ao fato universal dos contatos culturais, são, em diferentes graus, feitas de continuidade e de descontinuidades (CUCHE, 2002, p. 140).

O entrelaçamento dessas práticas sociais é chamado de hibridação, o qual Canclini (2011) define como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2011, p. 19). Para ele, essas estruturas discretas já foram resultado de hibridação, razão pela qual não podem ser consideradas fontes puras.

Canclini (2011), após estudar os conflitos interculturais do lado mexicano da fronteira – em Tijuana –, chamou essa cidade de um dos maiores laboratórios da pós-modernidade. Essa mesma característica descrita por Canclini (2011) ocorre na *Cidade Paraguaia* de minha pesquisa, ou seja, ambas as cidades se assemelham em vários aspectos, dentre eles, o caráter multicultural expresso no uso de várias línguas, ou seja, a cidade mexicana tem o espanhol e o inglês e suas línguas indígenas, enquanto a *Cidade Paraguaia* tem, além do espanhol, o português, o guarani, entre outras. Além disso, esse caráter multicultural pode ser visto, ainda, nas músicas, danças, culinárias, produções escritas e faladas, no rádio, na televisão, na publicidade da *Cidade Paraguaia* de minha pesquisa.

Esse caráter multicultural revela que paraguaios e imigrantes brasileiros participam da cultura do outro e, portanto, o indivíduo não pertence a uma única cultura, mas a uma pluralidade de culturas (BAUMAN, 1999; CASTELLS, 2000, HALL, 2005). Neste sentido, Castells (2000) explica que as sociedades se interconectaram globalmente tornando-se culturalmente inter-relacionadas e, assim, torna-se possível entender como a intensificação do processo de imigração brasileira ao Paraguai acaba favorecendo intercâmbios, trocas culturais e de tradições entre paraguaios e imigrantes brasileiros. Logo, diante dessa pluralidade de culturas, coexistindo dentro do mesmo contexto social, é possível ser, dentro dessa comunidade paraguaia, paraguaio por nacionalidade, brasileiro por língua, bem como ser filhos de brasileiros nascidos no Paraguai. Isso significa paraguaio que fala o português como língua materna, paraguaios participando de festas tradicionais brasileiras, imigrantes fazendo uso

das comidas e bebidas tradicionais paraguaias² e, assim, vai ocorrendo a negociação de identidades, uma vez que tais culturas revelam-se nem inteiramente dependentes, nem inteiramente autônomas, tampouco pura imitação ou pura criação, ao contrário, elas apenas confirmam uma “reunião de elementos importados, de invenções próprias e de empréstimos” (CUCHE, 2002, p. 149)

Assim, é possível identificar, nesta prática social paraguaia, traços de uma cultura em outra, pois cada pessoa, por seu gesto e sua postura, revela sua cultura que é produzida nas atividades cotidianas. Desse modo, neste processo, vão se construindo as várias identidades sociais, tais como, imigrantes dançando músicas típicas paraguaias, tomando tererê, comendo *sopa paraguaya* e *chipa*³ ou participando do desfile cívico da independência paraguaia, como mostram a Figura 1 e um trecho do diário de campo. De outro lado, temos paraguaios falando português e dançando músicas gauchescas, conforme mostra a Figura 2.



Figura 1: Ensaio para o desfile da independência do Paraguai: paraguaios e os e os filhos de imigrantes, nascidos no Paraguai
 Fonte: arquivo pessoal da autora, 2014

A respeito da participação dos filhos de imigrantes nos eventos paraguaios, dentre eles, desfile cívico da independência paraguaia, é possível perceber a alegria e empolgação dos

²Registro aqui a prática de culturas que os imigrantes brasileiros – descendentes de italianos e alemães – levaram para o Paraguai. É possível encontrar, nesta região paraguaia, culinária, costumes e até mesmo a língua desses descendentes, isso quer dizer que eles não levaram apenas parte da cultura brasileira, mas também as tradições herdadas por seus ancestrais. Por exemplo: é comum os netos usarem o termo *nono/a* e *oma/opa*, em referência aos avôs, sendo *nono/a*, um termo de origem italiana e, *oma/opa*, de origem alemã.

³ *Sopa paraguaya* é um bolo de milho salgado feito com milho ralado, leite, óleo, queijo, cebola e sal. *Chipa*: um pequeno pão feito com amido de mandioca, queijo, leite, ovos, manteiga e sal.

alunos em participar, conforme mostro no Registro a seguir:

Registro 03: Diário de campo, em 02 de maio de 2014.

“Nestes dias que eu estava na escola, percebi que os alunos estavam muito empolgados e se preparavam para o desfile cívico que iria acontecer no dia 14 de maio, dia da independência. Eles, cada um com um instrumento musical, estavam ensaiando para o desfile. Havia algumas alunas, a maioria filhas de imigrantes, ensaiando apresentações, elas eram as balizas do desfile e lhes perguntei se elas queriam participar do desfile, se elas gostavam e elas disseram que gostavam muito e que não viam a hora de chegar o desfile para se apresentarem.”

De acordo com os alunos, eles realmente gostam de participar do desfile cívico, em que se celebra a independência paraguaia, eles se sentem orgulhosos de fazerem parte dessa festa comemorativa. Lauri, por exemplo, comentou que gosta muito de participar do desfile. Segundo ela, “a gente passa o ano todo pensando. É uma festa muito bonita, todo mundo vai assistir, é contagiante” (Entrevista com Lauri, em 02/05/2014 – filha de imigrante – estuda na *EscuelaPrimera*). Isabel também revela que é muito importante participar desse evento nacional. Para ela “é muito lindo ir desfilar, a gente está ensaiando faz tempo e eu tenho de ir” (Entrevista com Isabel, em 02/05/2014 – filha de imigrante – estuda na *Escuela Segunda*). Além disso, Isabel lamenta por não ter podido participar do desfile passado, devido a uma enfermidade. Essas práticas revelam que, nestes momentos, estes filhos de imigrantes se sentem paraguaios.

A Figura 2 revela que os imigrantes levaram e praticam os costumes gaúchos em terras paraguaias, porém o que mais chama a atenção é que, além de ser realizada no Paraguai, há a participação de mulheres e homens paraguaios. Ou seja, pude perceber que os paraguaios participam dessa prática, inclusive as crianças paraguaias tentam aprender a dançar as músicas gauchescas.



Figura 2: Festa tradicional gauchesca na cidade paraguaia
Fonte: foto cedida por um dos participantes da pesquisa

Também pude observar paraguaios compartilhando dessas práticas gauchescas durante meus registros de dados, na exposição agropecuária⁴.

Registro 04: Diário de campo, 03 de maio de 2014.

“Neste dia em que eu fui à exposição, me senti como, na maioria das vezes, se estivesse no Brasil. Andei por todos os *stands* e vi paraguaios e brasileiros, mas o predomínio parece ser de brasileiros e da língua portuguesa. Fui a um lugar onde aconteciam várias apresentações de danças típicas brasileiras e paraguaias. O apresentador era paraguaio e falava em espanhol. Apresentaram-se dois grupos de danças paraguaias e a terceira e última apresentação era de música e dança gaúcha.

No momento em que o apresentador anunciou o grupo de dança, chamou o professor do grupo, que também era um dos músicos e, a partir disso, começou-se a falar tudo em português.

Foram apresentadas várias músicas gauchescas, havia vários grupos de dança infantil, juvenil e de terceira idade. Cada um apresentou uma média de três músicas e, no final, todos se apresentaram juntos.

O professor de dança falava um português típico do sul do Brasil, um “português gauchesco”.

Percebi que, entre os alunos, havia alunos paraguaios, eles dançavam as músicas gauchescas.”

Há influência brasileira nas práticas sociais dessa comunidade paraguaia como, por exemplo, nesse evento paraguaio, além de estar presente a tradição gauchesca, havia apresentações e shows musicais brasileiros, dentre eles, o mais esperado, era o show do cantor brasileiro Luan Santana.

Esta diversidade cultural mostra que cultura não é uma justaposição de traços culturais, mas uma maneira coerente de combiná-los e, de certo modo, “cada cultura oferece aos indivíduos um esquema “inconsciente” para todas as atividades da vida” (CUCHE, 2002, p. 78). São estes traços culturais contextualizados e compartilhados que levam o grupo a identificar-se, reconhecer-se e diferenciar-se de outro grupo e, paralelamente, enquanto os participantes praticam os estilos de vida, costumes, normas e crenças de sua comunidade através da socialização, negociam, ao longo do tempo, inconscientemente, suas identidades.

Essa negociação, mantida por meio da prática de tradição cultural, contribui para a formação da identidade do indivíduo e do grupo. Diante disso, retomando as práticas sociais dessa *cidade paraguaia*, é possível perceber que imigrantes e seus descendentes tentam manter a tradição cultural, conservando seus costumes e, conseqüentemente, contribuindo para a

⁴ Evento importante para o país. Trata-se de uma feira onde há diversos tipos de atividades, tais como exposição de animais, maquinários agrícolas, comércio de roupas, alimentos, apresentações musicais, dentre outras. O evento foi protegido, neste trabalho, pelo nome fictício de “exposição agropecuária”.

formação identitária do grupo e do indivíduo. Em outras palavras, Foetsch (2007, p. 21) explica que, ao preservar suas características, seus hábitos e costumes, além de negociar suas identidades, o grupo busca manter sua identidade e evita a descaracterização de sua cultura.

A próxima figura mostra os imigrantes brasileiros exibindo orgulhosos a camiseta e a bandeira de seu time brasileiro ao lado da bandeira paraguaia:



Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/gremiooficial/7186653935/>

Figura 3: Visita de um grupo de imigrantes brasileiros ao estádio do Grêmio em Porto Alegre

Parece que as culturas são transmitidas a outras culturas e já não há mais uma determinada cultura e língua, mas sim uma combinação de culturas que são praticadas e compartilhadas, uma vez que as identidades culturais não são únicas, uniformes ou fixas, mas, ao contrário disso, como por exemplo nessa *Cidade Paraguaia*, é comum encontrar as identidades culturais mesclando-se, num processo híbrido e fluido, constituindo-se e, na medida em que estão em contato, transformam-se como, por exemplo, paraguaio dançando música gauchesca e fazendo aulas no CTG (Centro de Tradições Gaúchas), bem como brasileiros comendo *chipa* e *sopa paraguaya*. Pode-se mencionar, ainda, o fato de os filhos de imigrantes cantarem o hino nacional paraguaio, aprenderem as línguas paraguaias, participarem, com alegria e com vontade, do desfile de independência paraguaia. Em outras palavras, essas identidades culturais se “esbarram, tropeçam umas nas outras o tempo todo, modificando-se e influenciando-se continuamente”, o que torna o ambiente não o lugar de “biculturalismos”, mas de interculturalidades (MAHER, 2007, p. 89).

Retomando as práticas sociais vivenciadas por paraguaios, imigrantes e seus filhos, foi possível observar que, durante essa exposição agropecuária, na apresentação cultural desses sujeitos, houve a separação de grupos, na qual, em um primeiro momento, ocorreu a apresentação de grupo paraguaio e, em outro momento, de músicas gauchescas.

Registro 06: Diário de campo, em 03 de maio de 2014.

“Os primeiros grupos a se apresentar foram os paraguaios. No momento em que se apresentavam, havia poucas pessoas assistindo; porém no momento em que o grupo de músicas gauchescas iniciou sua apresentação, começaram a chegar muitas pessoas para assistir.”

Essa prática social gera a impressão de que se valoriza mais a cultura trazida pelos imigrantes em detrimento da cultura paraguaia, pois no momento em que paraguaios se apresentavam havia poucas pessoas prestigiando, ao contrário da apresentação do outro grupo, usando as palavras de Cuche (2002), parece existir nessas práticas sociais uma hierarquia cultural, na qual a

força relativa de diferentes culturas em competição depende diretamente da força social relativa dos grupos que as sustentam. Falar de cultura ‘dominante’ ou de cultura ‘dominada’ é então recorrer a metáforas; na realidade o que existe são grupos sociais que estão em relação de dominação ou de subordinação uns com os outros. Nesta perspectiva, uma cultura dominada não é necessariamente uma cultura alienada, totalmente dependente. É uma cultura que, em sua evolução, não pode desconsiderar a cultura dominante (a recíproca também é verdadeira, ainda que em menor grau), mas pode resistir em maior ou menor escala à imposição cultural dominante (CUCHE, 2002, p. 145).

Na prática social dessa *Cidade Paraguaia*, a vida, a cultura e a língua do imigrante se apresentam, para a maioria dos paraguaios, mais atrativa, mais desejável e mais envolvente, pois o imigrante está bem organizado economicamente e pode ser por isso que suas práticas sociais se destacam e se tornam mais interessantes, uma vez que parece ser mais vantajoso, mais bonito e socialmente benéfico participar das mesmas práticas sociais que o imigrante vivencia. Assim, nesta relação de poder, acaba-se inferiorizando determinada prática social em favor de outras e, neste caso, as práticas em destaque são, na maioria das vezes, a dos imigrantes. Em relação ao uso das línguas, culturas e costumes percebe-se que as relações de poder são mantidas por meio de objetos culturais, tais como a dança, o esporte, a culinária, a língua, dentre outros.

Nesse contexto pluricultural e plurilíngue o sujeito vai construindo sua identidade híbrida, já que ele se apropria de outras culturas, de outros costumes e de outras línguas, ou seja, já não existe uma única identidade guarani, paraguaia ou brasileira, afinal essas identidades não são herdadas, elas são construídas, reconstruídas e mantidas sócio/cultural/historicamente por meio das interações que constituem o indivíduo, conforme apresento na próxima seção.

POSICIONAMENTO DOS PARTICIPANTES – NEGOCIAÇÃO DAS IDENTIDADES

O ser humano é um ser social que se constitui, pensa e age socialmente nas práticas sociais. As pessoas usam a linguagem a partir de suas marcas sócio-históricas como homens, mulheres, e para esta pesquisa, imigrantes, paraguaios e filhos, ao mesmo tempo em que, “nessas práticas, se reconstróem ao agirem uns em relação aos outros via linguagem” (MOITA LOPES, 2003, p. 25), tornam-se conscientes de quem são e constroem suas identidades sociais.

Moita Lopes (1998, 2002), na esteira de Sarup (1995), explica que as identidades sociais surgem nas manifestações de discurso e, mesmo que a identidade possa ser construída de diversas formas, ela é sempre construída no simbólico, ou seja, na linguagem. Portanto, se a identidade é construída na linguagem, por meio de interações e práticas sociais, é por meio do uso da linguagem que paraguaios, imigrantes e seus filhos constroem suas várias identidades sociais e essas várias identidades sociais afetam os significados construídos na sociedade em que atuam.

Hall (2005) explica que é por meio do discurso que as pessoas constroem suas identidades sociais e se posicionam no mundo. Nesta mesma linha de pensamento, Moita Lopes (2002) aponta que identidade social é a forma pela qual os indivíduos se percebem e se posicionam, ao passo que eles estão também se percebendo e se posicionando, num processo social mútuo construído ao longo do tempo e do espaço, no qual as pessoas agem e se engajam mutuamente.

Moita Lopes (2002) destaca três traços característicos das identidades sociais, sendo eles, fragmentação, contradição e processo. Para esse autor (op. cit.), não existe identidade homogênea, ela é heterogênea, fragmentada e complexa, pois várias identidades coexistem numa mesma pessoa.

O outro traço explica a natureza contraditória das identidades sociais que coexistem nas mesmas pessoas e dependem de práticas discursivas e do posicionamento dos sujeitos, ou seja, o ser humano age de acordo com a necessidade de cada prática discursiva. Em resumo, nem todas as identidades de um sujeito são pertinentes em todas as interações, cada interação requer identidades. Em consequência disso, elas são contraditórias e, por esse motivo, estão sempre sendo negociadas.

O terceiro traço que caracteriza as identidades sociais é o fato de elas estarem em constante processo, pois não são fixas; ao contrário, são incompletas, estão sempre se (re-)construindo na e através da linguagem e, por isso, estão sempre sendo negociadas, conforme sugere Moita Lopes (2002).

Entretanto, o que de fato determina a escolha das múltiplas identidades sociais são as práticas discursivas que, para Moita Lopes (2002), estão impregnadas de poder, uma vez que não estão nos indivíduos, mas “emergem na interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados” (MOITA LOPES, 2002, p. 37).

IDENTIDADES SOCIAIS FLUIDAS, CONTRADITÓRIAS E FRAGMENTADAS

Nesta seção analiso os dados de dois registros de campo que mostram o atravessamento da linguagem, a negociação e a construção de múltiplas identidades, bem como a organização das relações de poder.

Registro 7⁵: Diário de campo, 08/05/2014: *Escuela Segunda*: alunos em sala de aula falam as três línguas em práticas discursivas diferentes.

“(...). Percebi, nesta aula de Física, que o professor é mais flexível e não impõe o uso de nenhuma língua e deixa os alunos mais a vontade para se expressar.

Da mesma forma que nas outras aulas, os alunos ficam quietos e conversam baixinho enquanto copiam da lousa.

Notei que os alunos paraguaios se sentam juntos, falam guarani e têm dificuldades com o idioma espanhol. Eles, sempre faziam perguntas ao professor em guarani e, da mesma forma, o professor lhes respondia em guarani. Observei que eles não estavam conseguindo resolver o problema de física e perguntavam ao professor em guarani e o professor lhes explicava usando a mesma língua.

Eu perguntei aos alunos paraguaios porque eles faziam perguntas em guarani e eles me responderam que em guarani é muito mais fácil de aprender e quando o professor explica em espanhol eles demoram mais e, além disso, eles não conseguem resolver as atividades.

Então observei nessas aulas o uso de três línguas: os filhos de imigrantes brasileiros, na maioria das vezes, falam português e, às vezes, como por exemplo quando se dirigem ao professor, usam o espanhol, porém, algumas vezes eles se esquecem e acabam falando o português. Os paraguaios falam o guarani e, às vezes, o espanhol e o português.

Percebi que o professor já está muito acostumado com essas línguas e que nem se dá conta que ora fala uma língua e que ora fala outra.

Pude observar que os alunos formam pequenos grupos e em cada grupo se fala uma língua, sendo que entre os filhos de imigrantes, a língua falada é o português, já a língua falada entre os paraguaios é, na maioria das vezes, o guarani e, muito pouco, entre os grupos dos alunos, ocorre o uso do espanhol. O professor usa o espanhol,

⁵O registro 7 ocorreu na *Escuela Segunda*, durante a aula da disciplina de Física, em uma turma de oitavo ano.

mas, em algumas situações, precisa recorrer ao guarani como, por exemplo, no caso em que o aluno paraguaio precisa tirar uma dúvida sobre alguma questão, este aluno chama o professor e os dois se comunicam em guarani.

Várias vezes notei que os alunos não estavam conseguindo resolver o problema de física e perguntavam ao professor em guarani e o professor lhes explicava usando a mesma língua.”

Registro 10: Entrevista com João – avô de alunos das duas escolas, em 09/05/2014: João narrando um fato ocorrido entre ele e a polícia paraguaia.

“Rejane: Vocês já passaram por alguma situação com os paraguaios que gerou confusão por causa do uso das línguas, por vocês não se entenderem?

João: Você tá gravando....eu vô contar uma história...você está gravando né?!

(...) Porque quando eu bati, ... chegou a polícia lá né! E o cara tinha escapado. Chegou a autoridade lá e falou:

Motorista? Quem é o motorista?

Eu falei: Yo.

Documento? Tá acá.

Documento do carro? Tá acá.

Documento personal? Tá acá.

Tava sozinho? Tava em quatro.

Quem? Daí passei os nomes, passei o nome de cada um.

Daí eu falei...: Poxa!! Mais...tienen que se preocupar com quem escapó, mi carro tá acabado acá... no puedosalir de acá, vão se preocupar com quien bateu e fugiu e que tá errado.

Mais não deram bola...

Daí tive que ir no outro dia lá pra fazer a denúncia.

Daí no outro dia nos passamos lá pra fazer a tal denúncia.

Daí chegamos lá, meu genro foi comigo e explicou que estavam ali por causa do acidente.

E daí o policial falou assim pro meu genro: *Así... pero él es brasileño* e começou a fazer descaso do brasileiro, ele queria dizer: como é que tu vem defender os brasileiros?

Começou a discussão e, de repente, entra o meu netinho sapequinha com a minha filha, que é filho de paraguaio e advogado.

De repente o meu netinho que me viu e já quis vim com o avô e aí o policial falou:

pero son pariente??

E daí, meu genro, falou: sí... *ese es mi suegro*.

Nossa....mais daí a coisa cambió, deu uma volta assim de... 360 graus. Aí eu virei paraguaio, virei amigo, eu virei tudo!

Quando ele percebeu que meu genro é paraguaio, que meu netinho é paraguaio e querendo vir comigo... ele ficou impressionado...

Daí o policial queria mudar o laudo...disse que qualquer coisa... era pra i lá....mudou tudo!

A nossa sorte é que o nosso genro, que é advogado, é paraguaio.

Então aqui é legal ... assim... pra viver aqui é bom! Os impostos são muito barato, tudo produz, tudo é fácil de fazer.

Só que se tiver problema....tú tá ferrado mesmo.

Daí eu falei pro meu genro: Tu tá vendo o valor que nós imigrantes temos aqui no Paraguai?"

Analiso os registros 7 e 10 traçando um paralelo entre eles, ou seja, comparando-os, dentro da visão socioconstrucionista do discurso, que mostra que as identidades sociais não são definidas biologicamente, não são fixas ou estáticas. Estes registros indicam que em cada situação há identidades sendo negociadas. Logo, existe uma identidade pertinente a cada situação e que o posicionamento depende das práticas discursivas em questão, impregnadas de poder, fazendo com que a identidade social seja fluida, contraditória e fragmentada. Neste sentido, é possível observar, que as identidades sociais desses participantes surgem das múltiplas relações sociais, nas quais os paraguaios, imigrantes e seus filhos agem, interagem, engajam-se, posicionam-se e posicionam o outro, em suas práticas sociais nesta sociedade.

Observa-se, nestes registros, que o modo de agir determina a escolha da língua que será usada para dirigir-se ao outro e, paralelamente, vai ocorrendo a negociação de identidades. Ou seja, a escolha do uso do espanhol, do guarani ou do português depende tanto da prática discursiva que está em jogo como do interlocutor dessa prática.

No registro 7, os filhos de imigrantes, ao falarem espanhol com o professor, tentam ser paraguaios, mas, em outros momentos, tais como quando estão em grupo ou no recreio ou na entrada/saída da aula, voltam a falar o português e a serem filhos de imigrantes. Os alunos paraguaios revelam, ao substituir o espanhol pelo guarani, sua origem guarani e mostram, também, que paraguaios preferem o guarani. Segundo eles, com esta língua se torna mais simples a realização de tarefas, conforme relata Mario, “conelguaraní es más fácil. No sé explicar. Cuando se maneja conelguaraní... sale más rápido” (Entrevista com Mario, em

08/05/2015 – estudante paraguaio – estuda na *Escuela Segunda*). Percebe-se, também, que, para cada interação, há identidades oportunas.

A escolha da língua guarani está relacionada à necessidade de os alunos realizarem as atividades propostas pelo professor. De acordo com os alunos paraguaios, torna-se mais fácil aprender quando o professor usa a língua guarani (Diário de campo, em 08/05/2014). Realmente estes alunos apresentam dificuldades de copiar textos em espanhol, de ouvir a explicação dada pelo professor quando a língua em uso é o espanhol (Diário de campo, em 08/05/2014).

O fato de os alunos paraguaios preferirem estudar usando a língua guarani se dá porque essa é a língua que eles falam em casa. O mesmo ocorre com os filhos dos imigrantes que usam, na maioria das vezes, o português, mas diante da obrigatoriedade do espanhol e do guarani e, também, quando há interesse e necessidade de aprender o conteúdo da aula, eles recorrem ao espanhol. Durante a aula de guarani, eles também usam o guarani, pois o professor, geralmente, tenta motivar os alunos a falarem nessa língua (Diário de campo, em 08/05/2014). Ou seja, o que de fato determina o uso da língua é a sua necessidade e a presença do interlocutor, isto é, quem é o sujeito que fala determinada língua.

Entretanto, diante de contextos parecidos com este, o qual Canagarajah (2007, 2013) chama de comunidades multiculturais, não há espaço para uma única língua, pois, neste lugar, muitas línguas coexistem e, desse contexto, onde há várias línguas, as práticas linguísticas são baseadas em negociação e não na assimilação de um conjunto de regras linguísticas e nem na proficiência. Tal negociação é a possibilidade que sujeitos, de outras origens linguísticas e culturais, têm para se comunicarem, em vez de se preocuparem com as regras linguísticas e na proficiência (CANAGARAJAH, 2007, 2013).

Esta habilidade de um sujeito, que convive rodeado de várias línguas, trocar um idioma por outro, conforme sua necessidade, é denominada de translinguagem, conforme García (2009) e Canagarajah (2013). Portanto, translinguagem seria essa capacidade que o sujeito tem de translinguar, isto é, mudar, de acordo com seus interesses, de uma língua por outra, levando em conta mais o fator sociocultural do que o sistema linguístico. Por isso, esse translinguar, além de estar vinculado às práticas discursivas e aos interesses e necessidades dos sujeitos, permite o uso das várias línguas que os indivíduos têm acesso. Isso possibilita que esses sujeitos plurilíngues, por meio de uma troca dinâmica, inconsciente e constante, dêem sentido ao contexto em que coexistem várias línguas e várias culturas, conforme mostram os registros 7 e 10.

Também García (2009) explica que casos como esses, em que a aprendizagem envolve mais de uma língua, possibilitam, além da construção de múltiplas identidades, o translinguar, ou seja, os alunos buscam estratégias que flexibilizam o uso da língua, possibilitando, não somente a mudança de línguas, mas, principalmente, ser entendido. Por exemplo, os alunos acima que translinguam entre o guarani, o espanhol e o português, objetivam não apenas falar

um ou outro idioma, mas, sobretudo, tornar a comunicação compreensível, resignificando o contexto onde vivem, agem e atuam, o que os leva a se engajarem em suas práticas discursivas e, principalmente, permitindo que consigam entender e serem entendidos. Em outras palavras, o ser humano, diante de suas necessidades de se comunicar, de viver, cria e estabelece estratégias e habilidades para alcançar seu objetivo.

Neste contexto, conforme já citei, não há como impor o uso de uma ou outra língua e, diante disso, é possível que alguns professores tenham dificuldades em lidar com esse ambiente plurilíngue em sala de aula. Não se pode esquecer o alerta dado por Canagarajah (2007, 2013) e por García (1997) de que não há como, em um ambiente plurilíngue, um único idioma ser reconhecido como padrão, por mais que este se destaque. García (1997) afirma que a educação que não entenda a complexidade que envolve a situação plurilíngue de crianças, das escolas, das comunidades e da sociedade caminha para o fracasso (GARCÍA, 1997, p. 10).

Este translinguajar consegue explicar o uso de estratégias para que haja comunicação diante de um cenário plurilíngue como o da sala de aula. No entanto, parece não justificar o que acontece no caso dos alunos, filhos de imigrantes que translinguam do português para o espanhol com o professor, mas não translinguam do português para o espanhol com seus colegas paraguaios. Essas situações revelam que, embora haja o translinguajar, elas estabelecem relações de poder e, conseqüentemente, conflitos, nos quais os sujeitos podem fazer da língua um instrumento de hierarquização do poder (BAGNO, 2003).

No registro 10 há um esforço de João, que é imigrante, em parecer paraguaio, o que pode ser observado no momento em que ele conversa em espanhol com o policial paraguaio. Este registro indica mais claramente a instabilidade das identidades, mediante relações de poder, pois há, em um primeiro momento da interação, de um lado, um imigrante tentando ser paraguaio e negociando sua identidade e, de outro, um policial desconsiderando o fato de o imigrante já estar no Paraguai há 40 anos, chamando-o de “brasileño”,

Há também, outro momento em que o paraguaio se aproxima do imigrante. Após ficar claro o contexto histórico e social, ocorre a mudança de posicionamento do policial, ao verificar que o genro do imigrante, além de ser seu advogado, é paraguaio e pai de uma criança fruto de um casamento entre paraguaio e brasileiro. Neste momento, o paraguaio passa a ver o imigrante como paraguaio, conforme o próprio imigrante narra: “Aí eu virei paraguaio, virei amigo, eu virei tudo” (João, entrevista em 09/05/2014).

Este caso evidencia que, de fato, os contextos histórico, social e de relações de poder determinam as identidades sociais, já que somente depois de o policial conhecer a história de vida do imigrante houve a mudança de posicionamentos sociais de ambos os participantes. Isso ocorre porque essas identidades são instáveis, negociáveis, revogáveis, como explica BAUMAN (2005), e assim como as identidades não são estáveis, as relações de poder também não o são. É possível observar, ainda, que o discurso posiciona e hierarquiza os

participantes no mundo social com base em relações de poder e em suas marcas identitárias. Em relação a contextos como estes, Moita Lopes (2002) explica que, com a finalidade de construir significados com o outro, os participantes discursivos criam contextos mentais ou enquadres interacionais ao interagirem e os projetam na interação para indicar como pretendem que o significado seja construído ou interpretado (MOITA LOPES, 2002, p. 32-33).

Além disso, o modo de agir desses sujeitos e, principalmente, a maneira como eles se dirigem ao seu interlocutor revela que as práticas discursivas estão impregnadas de poder, nas quais as identidades sociais não estão nos indivíduos, mas surgem nas interações sociais entre os indivíduos e agem em práticas discursivas particulares, nas quais estão posicionados.

Os registros 7 e 10 evidenciam os traços descritos por Moita Lopes (1998, 2002, 2003, 2008), já citados anteriormente, que caracterizam as identidades sociais, pois eles revelam que as identidades sociais desses sujeitos, além de dependerem do contexto social, podem ser muitas, por isso elas são fragmentadas, contraditórias e estão em constante processo. Em outras palavras, os sujeitos são confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiantes de identidades possíveis, com cada uma das quais estes participantes podem se identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2005).

Observa-se, ainda, nos registros 7 e 10, que as identidades sociais, além de serem construídas, reconstruídas e mantidas por meio das interações, também podem ser geridas por relações de interesse e por questões ideológicas que atravessam a vida em sociedade. Lembro que a identidade, para Hall (2005), é formada na interação entre o eu e a sociedade (HALL, 2005, p. 11). Logo, conforme mostram os registros 7 e 10, as identidades são formadas na interação entre o imigrante, o paraguaio, o policial, o avô, o advogado, o sogro, o professor, os alunos, dentre outras.

De um modo mais simples, pode-se dizer que, nessa interação, há indivíduos, em práticas discursivas particulares, nas quais estão posicionados, agindo e moldando o *outro* e, sobretudo, determinando a escolha das múltiplas identidades, uma vez que Moita Lopes (1998, 2002) argumenta, desenvolvendo as ideias de Shotter (1989), que “somos criados da forma que somos pelos outros a nossa volta” e “as pessoas são essencialmente seres produzidos por outros seres” (MOITA LOPES, 2002, p. 34). Logo, a construção das identidades depende de determinados posicionamentos discursivos e, nesse jogo, entram em cena os significados que os participantes dão a si mesmos e aos outros engajados no discurso, os quais contribuem para produção, reprodução e transformação das relações de poder, pois os indivíduos constroem suas identidades de acordo com o modo por meio do qual se vinculam a um discurso, podendo ser o seu próprio discurso ou no discurso dos outros. Nessa relação de poder, o que aponta a tradição é o apagamento de identidades sociais não-hegemônicas ou a tentativa de torná-las invisíveis (MOITA LOPES, 1998, 2002). Nesta hierarquia, os paraguaios temem o apagamento e a invisibilidade de suas línguas,

principalmente o guarani, já que a maioria dos imigrantes não reconhece o significado, o valor e o que representa esta língua, conforme relata José: “[...] essa língua... o guarani... só atrasa o país, porque invés da criança aprender outras coisas que vai ser importante para as crianças, fica aprendendo uma coisa que ela nem vai usar” (Entrevista com José, em 05/05/2014 – avô de alunos da *Escuela Segunda*).

CONCLUSÃO

Foi possível observar, neste trabalho, que os participantes da pesquisa negociam suas identidades por meio de trocas culturais e também através de seus posicionamentos, sendo que a linguagem ocupa lugar central. Diante deste processo, percebe-se que, em um mesmo sujeito, há várias identidades, sendo elas fragmentadas, contraditórias e fluidas, pois estão em constante processo. Além disso, há identidades pertinentes para cada situação e o que determina o uso de tais identidades são as práticas discursivas dos sujeitos, e, em consequência disso, elas são contraditórias. Por esse motivo, as identidades estão sempre sendo negociadas.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, H.K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- CANAGARAJAH, Suresh. **Translingual practice: global englishes and cosmopolitan relations**. New York: Routledge, 2013.
- CANAGARAJAH, Suresh. After disinvention: possibilities for communication, community and competence. In: MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, Alastair (Org.). **Disinventing and reconstituting languages**. Toronto: Multilingual Matters, 2007. p. 233-239.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4 ed. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2011.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 2. ed. Trad. Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, p. 530, 2000.

CAVALCANTI, Marilda Couto. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2008.

CAVALCANTI, Marilda Couto. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. *D.E.L.T.A*, v.15, n. esp., p. 385-417, 1999.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro: arquivo memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

ELIAS, Norbert. SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J.Z.E. 2000.

FOETSCH, Alcimara Aparecida. **Paisagem, cultura e identidade: os poloneses em Rio Claro do Sul**. Curitiba, 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, 2007.

GARCÍA, Ofelia. **Bilingual education in the 21st Century: a global perspective**: Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

GARCÍA, Ofelia. Prólogo. In: BAKER, C. **Fundamentos de educación bilingüe y bilinguismo**. [S.l.]: Ed. Cátedra, 1997.

GORETE Neto, Maria. **As representações dos Tapirapé sobre sua escola e as línguas faladas na aldeia**. Campinas, SP, 2009. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira L. Louro – 10 ed. – Rio de Janeiro: DP&A. 2005.

HALL, Stuart. The work of representation. In: _____. (Org.). **Cultural representations and signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997, p. 103-133.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

MAHER, Tereza Machado. Em busca do conforto linguístico no Acre indígena. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v.47,n.2, jun./dez. 2008.

MAHER, Tereza Machado. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngüe e intercultural. In: Cavalcanti, Marilda Couto; Bortoni-Ricardo, Stella Maris. (Org.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2007.

MAHER, Tereza Machado. Sendo índio em português. In. SIGNORINI, Inês. **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de letras. 1998.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, Luis Pablo da. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras. 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras. 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras. 1998.

SIGNORINI, Inês. (Org.). **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras. 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.